

Trabalho e vida de mulheres catadoras: (re) construindo novas cartografias existenciais

Work and life of female waste pickers: (re) constructing new existential cartographies

Luciana Codognoto da Silva*
Alzira Salete Menegat**

Resumo: Neste artigo, objetivamos destacar as ações, rupturas, permanências e resistências de gêneros e de poder no contexto de trabalho e vida de mulheres sócias da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio – ARPE, localizada no interior do Estado de São Paulo - SP. Utilizamos a metodologia em História Oral, com o emprego de entrevistas semiestruturadas, em paralelo às contribuições teóricas elencadas pelos Estudos Históricos, Culturais e Pós-Coloniais. Percebemos que este espaço de trabalho tem possibilitado às mulheres catadoras novas experiências pessoais e profissionais, a partir do momento em que buscam subverter o ideal unísono e equivocado de feminilidade. É, pois, no âmbito do trabalho com os recicláveis que as participantes desta pesquisa, apesar das adversidades cotidianas, se percebem portadoras de histórias a serem publicizadas pelas pesquisas acadêmicas e se reconhecem pessoas dotadas de direitos e vozes no âmbito de importantes movimentos sociais.

Palavras-Chave: Movimentos Sociais. Mulheres na Reciclagem. Relações de Gêneros e de Poder.

Abstract: The purpose of this paper is to highlight the actions, breaks, continuities and resistances of gender and power in both life context and employment context of the female members from the Recycling Association of Presidente Epitácio - SP – ARPE. We used the Oral History methodology, with semi-structured interviews and also the theoretical contributions by the Historical, Cultural and Postcolonial Studies. We realize that this work space allows to female waste pickers new personal and professional experiences, from the moment in which they seek to subvert the ideal unison and misconceived of femininity. It is, therefore, in the context of working with recyclables, that the participants in this study, despite the daily tribulations, perceive themselves as having stories which will be publicized by

* Doutora em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP/Assis. Mestre em História pela Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD. Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário da Grande Dourados - UNIGRAN. E-mail: lupsico.codognoto@gmail.com.

** Doutora em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP/Araraquara. Mestre em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Graduada em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS. Professora Associada I da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), integrando o corpo docente da Faculdade de Ciências Humanas, no curso de Ciências Sociais e no Programa de Pós-Graduação em História e Sociologia. E-mail: alziramenegat@ufgd.edu.br.

academic research, and recognize themselves as people with rights and voices in the context of important social movements.

Keywords: Social Movements. Female Waste Pickers. Relations of Gender and Power.

Recebido em: 06/01/2015. Aceito em: 21/06/2016.

Introdução

Nesta pesquisa, buscamos realizar um estudo sobre o trabalho e a vida de mulheres sócias da ARPE – Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio (SP) –, formada por homens e, em sua maioria, por mulheres catadoras, que, desde o ano de 2003, passaram por uma nova experiência de organização e realização coletiva das atividades de recolhimento e comercialização de resíduos sólidos em seu município. Tratava-se de mulheres pobres, providas, majoritariamente, das raças negra e parda, muitas delas, provedoras ou coprovedoras de família, que buscavam, na Associação, obter o sustento financeiro e a possibilidade de participação no mundo do trabalho não restrito ao lar.

Procuramos escapar dos dualismos e dos princípios de simetria generalizada das relações de poder. Propomos novos olhares sobre o sujeito do Feminismo, trazendo as vozes que estavam, até então, subalternas no contexto histórico e social. Enquanto precursora destes debates, Haraway (1995) se mostra a favor da construção de uma política pós-feminista, que visa romper com os binarismos e as dicotomias estabelecidas socialmente, propondo a ruptura e o desprendimento de uma sexualidade binária, de forma a inaugurar um estatuto híbrido do pensamento e das relações, considerações que marcaram a sua forma de discorrer o Feminismo em fins do século XX.

Como metodologia, adotamos a pesquisa bibliográfica de caráter exploratório, realizada mediante análises dos Estudos Históricos, Culturais e Pós-Coloniais e dos aportes teórico-metodológicos das relações de gêneros, com Joan Scott (1992, 1995) e Judith Butler (2003). Em paralelo, analisamos entrevistas temáticas em História Oral de mulheres que fazem parte da referida Associação, visando problematizar quais sentidos e significados têm orientado as ações

cotidianas femininas, bem como as rupturas, as permanências e as resistências de gêneros e de poder no espaço local da reciclagem e na militância feminina em importantes movimentos – regional e nacional – de catadores.

Inicialmente, trataremos discussões teóricas sobre a participação feminina no interior dos movimentos sociais em interface aos estudos de gêneros. Em um segundo momento, destacaremos a metodologia adotada neste estudo, a História Oral, realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com 18 (dezoito) das 33 (trinta e três) mulheres que compuseram o quadro de sócias da referida Associação, que contou com um total de 44 (quarenta e quatro) associados, entre homens e mulheres, durante o período de realização desta pesquisa. Por fim, apresentaremos os resultados e as discussões, apontando três importantes quesitos que nortearam este estudo: as mulheres no mundo do trabalho – privado e público –, o trabalho e a consequente memória coletiva feminina no manuseio dos recicláveis e a participação das mulheres entrevistadas no Movimento Nacional dos Catadores de Reciclagem - MNCR e em Comitês Regionais de Catadores/as do Oeste Paulista.

Movimentos sociais e relações de gêneros: revisitando debates

O conceito de gênero é muito recente na historiografia, surgindo, mais especificamente, na década de 80. Esse momento foi marcado pela tentativa de ampliação das temáticas e do corpo teórico alusivo às práticas políticas, históricas e sociais que marcaram os movimentos sociais, sobretudo o Feminista, trazendo para o centro dos debates as questões referentes às práticas dominadoras e discriminatórias baseadas na natureza dos corpos.

A esse respeito, Sader (1988) ressalta que é a partir das experiências coletivas que pessoas,

até então excluídas, adquirem presença no campo social e político, mediante a manifestação de seus interesses, vontades, direitos e práticas psicossociais que as caracterizam e as conduzem ao estabelecimento de uma coesão grupal, conferindo a possibilidade de participar diretamente do acontecimento histórico. Para o autor:

O novo sujeito é social; são os movimentos populares em cujo interior, indivíduos, até então dispersos e privatizados, passam a definir-se, a reconhecer-se mutuamente, a decidir e agir em conjunto e a redefinir-se a cada efeito resultante das decisões e atividades realizadas (SADER, 1988, p. 10).

Assim, as condições impostas pela divisão capitalista de trabalho social têm certamente grande importância para a compreensão e surgimento dos novos movimentos sociais. Eles são uma resposta coletiva das pessoas aos problemas que vivenciam, procurando atingir, mediante reivindicações, melhores condições de vida e visibilidade social na construção e no (re)fazer de suas histórias em diferentes intervalos de tempo e espaço.

A esse respeito, Gohn (2008) entende os movimentos sociais como:

[...] expressão de uma ação coletiva e decorrente de uma luta sociopolítica, econômica ou cultural. Usualmente ele tem os seguintes elementos constituintes: demandas que configuram sua identidade; adversários e aliados; bases, lideranças e assessorias – que ao se organizarem em articuladores e articulações, formam redes de mobilizações; práticas comunicativas diversas que vão da oralidade direta aos modernos recursos tecnológicos; projetos ou visões de mundo que dão suporte a suas demandas; e culturas próprias nas formas como sustentam e encaminham suas reivindicações (GOHN, 2008, p. 14).

Os novos sujeitos, organizados em movimentos sociais, surgem na tentativa de questionar, dentre outras possibilidades, a posição ocupada por diferentes pessoas na sociedade ao longo de toda a história, uma história marcada pela invisibilidade de mulheres, negros e pobres. Assim, buscamos passar do silêncio à palavra como forma de melhor problematizarmos as mulheres catadoras enquanto sujeitos sociais ativos e múltiplos, constituídos em processo amplo de

mudanças, permanências e resistências, contexto do qual as relações de gêneros surgem como um importante norteador de nossas análises.

Para Scott (1995), o conceito de gênero se deu na tentativa de questionar a construção de uma identidade existente de antemão para as mulheres, demarcada a partir dos traços biológicos, a qual visou atribuir um significado peculiar a homens e mulheres na sociedade. Assim, a questão da “diferença dentro da diferença” trouxe à tona um debate sobre o modo e a necessidade de se articular os gêneros enquanto categoria de análise, o que também podemos perceber nas palavras da referida autora, ao afirmá-lo como meio de teorizar a questão da diferença sexual, ou seja, o gênero enquanto construção social dos sexos. Logo:

No seu uso mais recente, o termo gênero parece ter aparecido primeiro entre as feministas americanas que queriam insistir na qualidade fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como ‘sexo’ ou ‘diferença sexual’ [...] Nos Estados Unidos, o termo gênero é extraído tanto da gramática, do uso da linguística, quanto dos estudos de sociologia dos papéis sociais designados às mulheres e aos homens. Embora os usos sociológicos de ‘gênero’ possam incorporar tônicas funcionalistas ou essencialistas, as feministas escolheram enfatizar as conotações sociais de gênero em contraste com as conotações físicas de sexo (SCOTT, 1992, p. 86).

Butler (2003) ressalta as questões de gêneros enquanto significados culturais assumidos pelo corpo sexuado. Ademais, elas designam ainda, segundo a autora, um aparato de produção cultural, mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos socialmente, através dos tempos: “[...] é o meio discursivo/cultural pelo qual ‘a natureza sexuada’ ou ‘um sexo natural’ é produzido e estabelecido como ‘pré-discursivo’, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura” (BUTLER, 2003, p. 25).

Os estudos que primam pelas relações de gêneros surgem na tentativa de contemplar os processos de subjetivação e as categorias epistêmicas de problematização dos sujeitos históricos e sociais. Neste sentido, não é possível falar de um cotidiano da mulher, mas sim

em vários cotidianos das mulheres, carregados de pluralidades necessárias à tentativa de teorização sobre o que há de estreitamente comum em suas vidas: a árdua luta da desconstrução de paradigmas pautados na biologia dos sexos e dos papéis de gênero destinados a homens e mulheres na sociedade.

As marcas sobre os corpos, especialmente sobre os corpos femininos, refletem poderes diferenciados, que produzem desigualdades de pertencimentos sociais e, como tais, se constituem dentro de um plano de historicidade. Nesta perspectiva, podemos dizer que o corpo atua como um palco de forças no contexto social, pautado na segregação dos paradigmas de raças/cores, gêneros, classes e de outros marcadores sociais. Estes, por sua vez, não podem ser compreendidos alternada e separadamente, mas de maneira articulada, segundo bem salientou Azerêdo (2002).

Louro (2004) salienta que os lugares sociais e as chamadas posições de sujeito na sociedade são em grande parte determinados pelas marcas catalogadas no essencialismo dos corpos. Segundo ela:

Ao longo dos tempos, os sujeitos vêm sendo indiciados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pela aparência de seus corpos; a partir dos padrões e referências, das normas, valores e ideais de cultura. Então, os corpos são o que são a cultura. [...]. Podem valer mais ou menos. Podem ser decisivos para dizer do lugar social de um sujeito ou podem ser irrelevantes, sem qualquer validade para o sistema classificatório de certo grupo cultural. Características dos corpos significadas como marcas pela cultura distinguem sujeitos em marcas de poder (LOURO, 2004, p. 75-76).

Esses corpos, apresentados como híbridos e constituídos por múltiplas referências, segundo bem salientou Haraway (1995), são atravessados por representações estéticas e morais que, muitas vezes, divergem do que é concebido pela sociedade como perfeito, ideal e equivalente a um padrão estabelecido de mulher, ou seja, que escapa das normativas de inteligibilidades e coerências que Butler (2003) demarcou como sendo restrito a uma matriz heteronormativa. Daí a importância de problematizarmos as diferenças, uma vez que se torna impossível pensar os

gêneros desvinculados de outras questões também políticas e culturais, como as classes sociais e as raças/cores. Somente assim poderemos dar visibilidade às diversidades e às multiplicidades entre as mulheres que intentam romper com os pressupostos uníssonos de feminilidade em muitos espaços sociais.

Judith Butler (2003) tem promovido algumas problematizações a respeito de como a existência de uma matriz heteronormativa reitera e constrange, pela via dos discursos, as expressões das corporalidades – os corpos enquanto processos dinâmicos e abertos às novas e constantes significações culturais, sociais, históricas e políticas – limitando-as a um modelo padrão, de modo que todas as expressões corporais que escapam dessa matriz de inteligibilidade tendem a cair no enfoque da abjeção, o que, conseqüentemente, impede/nega outras possibilidades de identificação, conforme iremos observar nos dados que compõem as histórias de vida de mulheres no contexto de trabalho da reciclagem.

Consideradas na dimensão privada de mães, responsáveis pela educação dos filhos e dos aspectos ligados ao lar, as mulheres foram esquecidas e pouco publicizadas enquanto integrantes de um tecido histórico e social mais amplo. Assim, ao realizarmos análises críticas em torno da forma pela qual as mulheres foram retratadas ao longo do tempo e dos diferentes contextos sociais, veremos a presença marcante de uma identidade feminina instituída, pautada na biologia dos corpos e nos binarismos, em consonância aos padrões heterossexistas, falocêntricos e reprodutivos, pressupostos que as mulheres, participantes desta pesquisa, rompem diariamente em seu espaço de trabalho na reciclagem.

Metodologia

A História do Tempo Presente será uma das principais vias para problematizarmos importantes pontos suscitados durante esta pesquisa. Recorremos a ela por se tratar de um tempo mais recente de análise, em que as pessoas e o contexto envolvidos estão ainda atuantes. Neste sentido, realizamos, no campo da História e da interdisciplinaridade, levantamentos de trabalhos e pesquisas que primam olhares aos estudos de gêneros, além das abordagens advindas dos Estudos Culturais e Pós-Coloniais. Em um plano

geral, o recurso da História Oral permitiu a mudança de enfoque nas pesquisas históricas, ao romper com visão rígida da objetividade do fato histórico e ao oferecer novas possibilidades e novos olhares às diversas maneiras de viver de pessoas e grupos poucos publicizados pela ciência tradicional.

Paul Thompson (1992) salienta que a História Oral é construída sobre pessoas comuns que se transformam de “objetos de estudo em sujeitos da História”. Os grupos de participantes ignorados tradicionalmente, como índios, negros e mulheres, passaram a ser reconhecidos nas pesquisas acadêmicas, incorporando suas experiências à narrativa histórica. No que se refere aos estudos das mulheres, esta perspectiva foi muito forte, pressupondo a existência de uma ação feminina na História, que, por longos anos, foi submergida pelo preconceito e pela escrita androcêntrica.

O trabalho com a História Oral tem se voltado principalmente para os temas da vida cotidiana, ao retomar assuntos ligados ao mundo do trabalho, à problemática de gênero e à construção de identidades, acentuando, significativamente, as pesquisas relacionadas ao estudo das mulheres, justificando a relevância de seu uso e de sua especificidade na presente pesquisa. Nesta perspectiva, destacamos a utilização da História Oral enquanto fonte primária deste estudo, abrangendo perguntas abertas e semiestruturadas, dirigidas às mulheres sócias da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio – ARPE.

A ideia de ampliar olhares sobre a história das mulheres catadoras se deu mediante a problematização das práticas diárias femininas na conjuntura da vida privada e do trabalho local com os recicláveis. Na referida Associação, observamos um percentual significativo de mulheres, correspondendo ao número de 33 (trinta e três), ou seja, 75% de um total de 44 (quarenta e quatro) sócios/as, entre homens e mulheres, que se fizeram presentes durante o momento de pesquisa na Associação, que abrangeu o período de janeiro de 2009 a janeiro de 2011. Um dos fatores que mais chamou a nossa atenção foi a grande quantidade de mulheres associadas e em cargos de lideranças na associação e a participação majoritária feminina em movimentos – regionais e nacional – de catadores. Tratava-se de mulheres pobres, muitas delas, provedoras

ou coprovedoras de família e provindas majoritariamente das raças/cores negra e parda, que buscavam, no trabalho da Associação, obter o sustento financeiro e a possibilidade de participação no mundo do trabalho não restrito ao lar.

Apesar do número elevado de mulheres na referida Associação, optamos por realizar as entrevistas com apenas 18 (dezoito) sócias, mulheres de diferentes idades, de participação ou não em cargos lideranças e de distintas trajetórias de vida pessoal. Para os propósitos de elaboração deste artigo, apresentamos os trechos que consideramos mais relevantes para as nossas discussões. Tivemos a preocupação de considerar apenas alguns aspectos que caracterizam as mulheres da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, como forma de preservar suas identidades e suas histórias de vida. Assim sendo, as participantes serão evidenciadas ao longo do texto somente pelas iniciais de seus nomes, idade e posição que ocupavam na Associação e/ou no âmbito de importantes movimentos sociais de catadores.

Quanto ao tratamento dado às entrevistas, estas foram realizadas mediante a utilização do gravador de áudio, seguido do pedido de autorização das participantes. Consideramos relevante o trabalho com entrevistas temáticas semiestruturadas dentro da metodologia da História Oral, combinando perguntas abertas e fechadas, uma vez que permitiu às participantes a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto e, à pesquisadora, o alcance dos objetivos propostos na pesquisa, tal como enfatizaram Boni e Quaresma (2005). Ambos os autores destacam que este tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume de informações a ser coletadas, favorecendo a intervenção do pesquisador no momento em que considerar oportuno, proporcionando que os objetivos da pesquisa sejam alcançados mais facilmente. Os motivos que levaram as mulheres a procurarem o trabalho na ARPE; a trajetória profissional anterior ao trabalho na Associação; a renda salarial mensal; o significado do trabalho em geral e do trabalho na ARPE; a divisão sexual e social de papéis entre homens e mulheres na vida privada e pública do trabalho; a participação ou não em cargos de lideranças e o papel do Movimento Nacional dos Catadores de Reciclagem - MNCR e do Comitê Regional do Oeste Paulista nas

atividades realizadas pela Associação estudada são os principais temas que tratamos durante as entrevistas e as posteriores análises.

Resultados e discussões

A seguir, apresentaremos análises das histórias de vida de mulheres catadoras, entrevistadas durante esta pesquisa. Por meio do recurso da História Oral, em paralelo à realização de entrevistas semiestruturadas com 18 (dezoito) mulheres que compuseram o quadro de 33 (trinta e três) sócias da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, iremos apresentar os dados obtidos em nossa pesquisa de campo e as discussões da literatura sobre as mulheres no mundo do trabalho, as analogias envolvendo Memória e História e as relações de gênero e de poder no trabalho feminino com os recicláveis.

As mulheres no mundo do trabalho: da invisibilidade à construção de novas práticas sociais

Historicamente, é preciso afirmar que as mulheres sempre trabalharam. Entretanto, os registros mais significativos de participação feminina no mercado de trabalho brasileiro aconteceram somente em fins do século XIX, em que a maioria era de operárias que trabalhavam fora do lar. Com o advento das guerras mundiais (1914-1918 e 1939-1945), as mulheres, em especial aquelas pertencentes às classes menos abastadas, passaram a participar diretamente da esfera pública. Ao executarem a supervisão e as atividades do trabalho doméstico, as mulheres passaram, grande parte do tempo, confinadas ao espaço da individualidade e da vida privada, o que conferiu para que lhes fosse atribuído, segundo Menegat (2009), um caráter de não trabalho, visto que as atividades do lar não apresentavam remuneração de qualquer ordem, seja econômica ou de reconhecimento social.

O ideal de maternidade e de concepções ligadas ao lar não se ateve somente aos aspectos familiares, como também colaborou para a formação de um princípio pedagógico que se estendeu aos primeiros registros de profissões ocupadas pelas mulheres no Brasil. Elas se mostraram carregadas de marcas geradas por representações, que se direcionaram para as

profissões assistenciais e educacionais, como as de professora e enfermeira, consideradas tipicamente femininas, por estarem ligadas aos papéis maternos e de cuidados.

É preciso destacar que essas representações, anteriormente descritas em relação às mulheres, são formas históricas e não naturais. Em outras palavras, as relações entre os sexos são socialmente construídas e, como tais, geram sentidos inequívocos à vida de homens e mulheres, atribuindo-lhes um sentido social: “[...] por trás das ‘funções biopsíquicas’ do parto e da amamentação associadas à mulher, está subjacente toda uma estratégia de poder, articulada a partir de um discurso que tenta encobrir as desigualdades entre os gêneros naturalizando-os” (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 51).

Em meados do século XIX, aconteceu maior participação delas no mercado de trabalho, de forma a ocuparem significativamente os espaços das fábricas. Todavia, essa maior participação feminina no mundo público não atenuou as representações que, por longo tempo, as mantiveram no espaço privado do lar e, tampouco passou a ser vista como fonte de realização pessoal para muitas mulheres. Para Rocha-Coutinho, isso se deve ao fato de que:

[...] o trabalho feminino era aceito pela sociedade do século XVIII apenas na medida em que complementava a renda familiar e na medida em que era necessário aos interesses da industrialização crescente no Brasil. Assim, a mão-de-obra feminina se colocava como um exército industrial de reserva, acionado sempre que necessário aos interesses do Estado. E, o Estado buscou sempre controlar a atuação da mulher, limitando-a a tipos especiais de ocupações (geralmente educacionais e/ou assistenciais e de prestação de serviços) supervisionados e/ou controlados por homens (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 95).

A divisão sexual do trabalho, apontada por Rocha-Coutinho (1994), tem raízes biológicas e, por sua vez, passou a ser transportada para o âmbito da cultura, onde se cristalizou em valores sociais para homens e mulheres. Esta desigualdade possibilitou formas muito particulares de demarcação dos espaços sociais e profissionais para cada sexo, conforme apontam Hirata e Kergoat:

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 599).

Souza-Lobo (1991) salienta que a divisão sexual do trabalho está articulada às relações sociais e embutida nas práticas sociais. A assimetria nas relações de trabalho, apontada pela autora, não somente consolida diferenças, como também hierarquias e demarcação de lugares e papéis às pessoas em desacordo às questões de gêneros. Neste sentido, faz-se necessário destacar a nítida divisão sexual do trabalho em Presidente Epitácio - SP. Por se tratar de uma instância turística, o município tem apresentado, ainda hoje, um número considerável de empreiteiras, fator que tem direcionado homens e mulheres epitacianos/as para as atividades consideradas tipicamente femininas e masculinas na região.

Essa classificação pode ser observada na análise da trajetória profissional das mulheres que compuseram o quadro de sócias da Associação estudada. Das 33 (trinta e três) mulheres que se fizeram presentes durante o momento de pesquisa¹, 04 (quatro) relataram ser a Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio o seu primeiro emprego; 26 (vinte e seis) sócias, que já haviam tido empregos anteriores ao trabalho na Associação de Reciclagem, apontaram terem exercido atividades ligadas ao cuidado de crianças, de pessoas idosas, de domésticas ou diaristas; por fim, 03 (três) sócias relataram terem trabalhado em áreas não ligadas à esfera doméstica e de cuidados, como indústrias frigoríficas e de açúcar e álcool da região. Ademais, destacaram, em caráter de unanimidade, a ausência de qualquer plano de previdência social, ou ainda, carteira assinada, tanto em relação aos trabalhos anteriores quanto o atual da Associação. Esse fato remete à informalidade de atuação

profissional em relação às mulheres entrevistadas nesta pesquisa.

No que se refere aos motivos que as levaram a procurar e, sobretudo a permanecerem na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, estavam a falta de possibilidades de melhores empregos, com plano de previdência social e registro em carteira, o desemprego do companheiro, a necessidade de sustento financeiro dos filhos/as e o fato de auto-reconhecerem independentes a partir do momento em que obtinham o seu próprio dinheiro com os recicláveis. Além disso, a situação de desemprego no município foi fundamental para o direcionamento dessas pessoas para as atividades com os resíduos sólidos, haja vista que o trabalho com os recicláveis se constitui, ainda hoje, em importante forma de obtenção de renda, que garante a sobrevivência material e financeira das mulheres catadoras e de suas famílias. Esses aspectos podem ser evidenciados no relato de uma das mulheres entrevistadas:

A gente procura a Associação devido à dificuldade, à falta de dinheiro. Tem outra coisa: Epitácio é uma cidade pequena e não tem outra coisa. Até pra trabalhar de doméstica está difícil aqui. Porque, é como elas falam: se lá está difícil e aqui está ruim, se eu for sair, vai ficar pior. Antes pingar do que secar! Vai tirar de onde para comer? Aqui, pelo menos, é pouquinho, mas tem. (M.R.P, 43 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 08 de março de 2010).

O fragmento da entrevista apontou o trabalho na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio enquanto espaço de sustento financeiro para as mulheres e para seus familiares. Ele se apresentou como alternativa de remuneração frente à insuficiência de empregos em outras áreas no município. Ademais, a fala “é melhor pingar do que secar”, ressaltada anteriormente, permeou muitos outros momentos das entrevistas, ao transparecer que, apesar das adversidades presentes no trabalho com os recicláveis, esse espaço tem possibilitado sobrevivência para muitas delas. Trata-se não de um desejo, mas do direcionamento de muitas mulheres para o trabalho com os resíduos sólidos, uma vez que as poucas possibilidades de emprego remunerado,

¹ Dados provenientes da pesquisa de campo.

principalmente para as mulheres pobres e das raças parda e negra, somado às necessidades enfrentadas por elas em relação ao sustento da família, se apresentaram como fortes condicionantes para a entrada e a permanência delas na Associação.

O trabalho doméstico remunerado, presente na trajetória profissional de grande parte das sócias da Associação, não se mostrou relevante em termos de reconhecimento, ou ainda, do desejo delas em voltar a desenvolvê-lo em outro momento de suas vidas. Neste contexto, o trabalho com os recicláveis representou, além de um importante meio de sobrevivência, a possibilidade de romperem a ideia de domesticidade às mulheres, seja remunerada ou não, conforme assinalou uma das entrevistadas:

Trabalhei de doméstica, mas não gosto. Prefiro, mil vezes, trabalhar aqui [...] tem gente que você tem sorte de pegar uma pessoa boa para trabalhar, mas tem umas patroas enjoadas que, quanto mais você faz, acha que você não faz [...] O serviço doméstico também não é ruim, mas eu não gosto de trabalhar como doméstica, porque eu não gosto muito de fazer o serviço doméstico; só na minha casa mesmo, só quando eu estou em casa. (E.S.P, 27 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 22 de abril de 2010).

Nas palavras da entrevistada, o trabalho doméstico, ainda que remunerado, apareceu interligado à ideia de não reconhecimento, assumindo um caráter de não trabalho, ou ainda, uma atividade invisível, voltada à vida privada e à noção de privacidade, conforme evidenciou Arendt (2009). Na prática, o que observamos é que as mulheres estavam em busca de novos papéis sociais, não mais calcados na esfera doméstica, de modo a estabelecerem novos entendimentos sobre si e sobre a sua participação no mundo do trabalho. Assim, o que foi posto como verdade a ser seguida pelas mulheres, passou a ser questionado por elas, ao descobrirem que muitos desses papéis não preenchiam suas necessidades individuais, conforme ficou evidenciado na fala a seguir:

Antes eu era mãe, dona de casa e esposa. Depois separei do marido. Então, de repente, comecei, a partir da Associação, catar

material: pegava algum material e guardava na minha mãe. Hoje eu me habituei: eu não conseguiria, hoje, ser só mãe e dona de casa e não ter o trabalho da Associação. (E.H.P, 33 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 08 de março de 2010).

Na fala da entrevistada, percebemos rupturas das práticas sociais vinculadas ao papel das mulheres nos espaços privado e público da sociedade. Se antes, o casamento, o lar e a educação dos filhos definiam “as mulheres como um ser para os outros”, conforme evidenciou Perrot (2003), a saída delas do espaço privado para o público lhes conferiu o papel de protagonistas de suas próprias histórias, não mais reduzidas aos outros, mas tendo a si mesmas como finalidade da própria existência social e política. Tal estatuto ainda necessita de mudanças mais concretas, especialmente no âmbito da vida pública, lugar onde as relações de poder ganham maior manifestação e resistência à desconstrução de velhos paradigmas, que se encontram circunscritos em meio a contradições, avanços e recuos – pessoais e sociais – mas que indicam novas possibilidades, ainda que contraditórias, das escritas dessas mulheres enquanto sujeitos sociais no espaço do trabalho.

O trabalho com os recicláveis: memórias de mulheres catadoras

Nos anos de 1990, assistimos no Brasil um elevado índice de desemprego, que acarretou profundas mudanças nas formas de trabalho, marcadas pelo crescente número de empregos informais, sem registro em carteira e instabilidade financeira e temporal dos/as trabalhadores/as. Nesse mesmo período, a mundialização do capital emitiu efeitos complexos e contraditórios, ao afetar desigualmente homens e mulheres, como ressaltam os estudos de Hirata (1998). Na América Latina, particularmente após a reestruturação produtiva e a presença neoliberal, o desemprego passou a ser ainda mais acentuado. A precarização não ocorreu somente em relação à força de trabalho feminina, pois quando analisamos os dados apontados nas pesquisas de Bruschini e Lombardi (2002), verificamos que as alterações no âmbito da vida profissional também

atingiram os homens trabalhadores, ainda que de forma menos intensa.

A tendência à feminização do trabalho e a sua acentuada precarização continuou a se manter atuante no Brasil durante esse século. Nesse cenário, a atividade das mulheres catadoras surgiu como alternativa frente ao estado de desemprego e a falta de opções de ingresso no mercado de trabalho formal, conforme atestam os relatos das entrevistadas durante esta pesquisa. Esse fato corrobora com a ideia de que a falta de perspectivas e qualificação profissional têm proporcionado o direcionamento de homens e, sobretudo de mulheres para as atividades de manuseio de resíduos sólidos, como forma de gerir sobrevivência para si e para seus familiares.

Antunes (1995) assinala que a precariedade do trabalho refere-se à atividade mal remunerada e pouco reconhecida, estando vinculada à instabilidade de emprego e à restrição de direitos sociais. Considerando esses aspectos, é importante salientar que a Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio passou por um importante momento de crise financeira, durante os anos de 2008 e 2009, quando os rendimentos alcançaram uma média de duzentos reais por associada/o, a cada quarenta dias de trabalho. Esses fatores colaboraram para o estabelecimento de uma memória coletiva do grupo de mulheres da Associação, evocada e contada como um marco de dificuldade.

Nas histórias externadas pelas participantes desta pesquisa, observamos que o momento de crise envolveu a todas elas, produzindo lembranças comuns, o que nos remeteu a pensar em trabalhos mais recentes que se debruçam no entendimento da relação entre história e memória. Nesta pesquisa, os conceitos e as aplicações sobre memória coletiva são entendidos a partir das contribuições de Halbwachs (2004) e Pollak (1989). A questão central desse conceito na obra de Halbwachs consiste na afirmação de que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. Para o autor, esse fato é o que garante a coesão no grupo, esta unidade coletiva, concebida como o espaço de conflitos e influências entre uns e outros:

A memória individual, construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, refere-se, portanto, a 'um ponto de vista sobre a memória coletiva'. Olhar este, que deve sempre ser analisado considerando-se o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações mantidas com outros meios (HALBWACHS, 2004, p.55).

Podemos dizer que a memória se apoia sobre o passado vivido. Em Halbwachs (2004), ela é compreendida como a sucessão de acontecimentos marcantes nas experiências de pessoas e grupos, de forma contínua e plural, assim denominada de memórias coletivas. Nesta pesquisa, tal memória mostrou-se ligada ao período de crise financeira, vivenciada de maneira global pelo mercado da reciclagem. Esse acontecimento obteve repercussão especial no trabalho desenvolvido pela Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, levando à queda dos rendimentos dos sócios/as. Durante aquele período, a Associação registrou somente a presença feminina nos diversos trabalhos, o que, nas palavras de uma das entrevistadas representou: "Somos guerreiras"; "A gente segura mais o trem do que os homens" (D.G.G.M, 26 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 08 de março de 2010).

O estabelecimento da memória coletiva feminina mostrou-se intimamente vinculado ao fator econômico. Com a queda nos rendimentos e conseqüentemente saída dos homens da Associação, as mulheres passaram a assumir todas as funções de manuseio dos recicláveis. A partir desse momento, elas passaram a se reconhecer fortes, não somente em relação ao fator físico do trabalho, mas, sobretudo em relação às práticas psicossociais ligadas à atividade precarizante e mal remunerada de coleta e comercialização dos recicláveis. Esses aspectos foram evidenciados em outros momentos das entrevistas, em especial quando as sócias utilizavam palavras ou frases, como: "guerreiras"; "segurar o trem"; "é melhor pingar do que secar", entendidas como *slogans* e que remeteram a uma expressão de força coletiva feminina, organizada em formato de estratégia para permanecerem em tempos de crises e buscarem saídas para a situação de dificuldade financeira na Associação.

Destarte, dentre os motivos que colaboraram para a manutenção das mulheres na

Associação estava a necessidade de sustento financeiro da família, em especial dos filhos/as, conforme relatou uma das entrevistadas:

A necessidade é igual dentro de casa, mas a mulher pensa muito nos filhos [...] Tiveram homens que ficaram com a gente no período bom, quando a gente estava ganhando bem e depois não conseguiram, não resistiram, saíram. E depois eles viram que lá fora também estava difícil, pediram para voltar. Mas o que leva a mulher a ficar? São a família, os filhos. A maioria das mulheres aqui pensa muito nos filhos [...] 'Eu não tinha como falar para vocês ficarem na Associação e passarem fome junto comigo e com a líder de atividades, mas dizíamos: vamos segurar e tentar ficar para poder levantar a Associação' (E.H.P, 33 anos. Sócia/Presidente da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 08 de outubro de 2010).

É possível afirmar que as mulheres da referida Associação se submeteram mais a atuação em empregos precários do que os homens sócios. Em outras palavras, as oportunidades de emprego oferecidas às mulheres não foram, naquele período, suficientes para absorver o mercado de trabalho formal no município, restando a elas atividades de menor prestígio social e remuneração salarial, mas que se tornaram necessárias para o sustento financeiro de si e de suas famílias. Ademais, a memória coletiva se apresentou como um olhar voltado ao passado de dificuldades e o outro, ao tempo presente de superações femininas, uma vez que as mulheres externaram, em seus relatos, os problemas e as limitações financeiras e sociais que marcaram o período de crise financeira em seu espaço de trabalho.

Segundo Pollak (1989), estas memórias, até então marginalizadas, abrem novas possibilidades no terreno fértil da história oral. Para o autor, não se trata de lidar somente com os fatos sociais, mas de analisar como eles são solidificados e dotados de certa duração e estabilidade histórica. Neste estudo, a durabilidade e a estabilidade da memória feminina registraram-se enquanto uma visão positiva apresentada e dirigida a elas durante um período marcante na trajetória de trabalho da Associação. Em relação a esses aspectos, externou uma das entrevistadas:

Teve um tempo que não teve nenhum homem na Associação. Por quê? Porque eles chegam em casa, tem a família, a mulher está dentro de casa e ele chega com duzentos reais para poder pagar aluguel, água: ele não resiste à pressão. Às mulheres que ficaram na Associação naquele período, eu dizia: Está aqui o dinheiro, vai dar duzentos reais. E elas diziam: antes pingar do que secar! Eu tenho três filhos em casa; a outra é avó de família, a outra tem que manter a filha que está grávida dentro de casa, não tem como trabalhar, tem mais três netos. E se não tivessem os duzentos reais? Então, o homem não resiste tanto à pressão de chegar em casa e ver água para pagar, aluguel e a mulher já pega aquele dinheiro e segura àquela pressão e tenta barrar as outras situações, até melhorar aquela situação. Como as mulheres são fortes, até no trabalho: para fazer cargas em 5 mulheres com 350 quilos; de elas segurarem a pressão e acharem que duzentos reais ainda dão para dar de comer aos filhos! (E.H.P, 33 anos. Sócia da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 08 de outubro de 2010).

A memória, como produto social e fruto de um sistema inscrito sobre determinadas características ou fatos sociais, espaciais e temporais, constitui-se nas relações entre as pessoas que compartilham ou assimilam informações passadas e que se perpetuam ao longo do tempo. Na narrativa da entrevistada, a lembrança de um tempo de dificuldades passou a ser evocada como sinônimo de força feminina, um deslocamento de valores, haja vista que foi a partir dos sinais da precariedade do trabalho que as mulheres se reconheceram sozinhas e, simultaneamente, dotadas de forças para enfrentarem os obstáculos sociais e financeiros no trabalho com os recicláveis.

É importante enfatizar que o registro da memória coletiva feminina não se mostrou estritamente vinculado à questão financeira ou de classe social. As relações de gêneros atuaram nesse contexto de maneira intensa, uma vez que, na fala da entrevistada, os sócios homens não resistiram à pressão de se manterem na Associação durante o período de crise financeira, migrando para outros pólos de trabalhos considerados tipicamente masculinos no município, como a atuação profissional em empreiteiras e como

guardas/vigias noturnos em estabelecimentos privados e públicos da região.

Se, por um lado, as representações sobre as mulheres continuam atuantes em muitos contextos da sociedade, ligados à esfera privada ou pública, de outro, há que registrar que os homens, em menor escala, também carregam as marcas geradas por representações, na medida em que a construção cultural lhes confere o poder de referência e provisão financeira da família. Tais conceitos, apesar de contestados nesta pesquisa, se mantêm atuantes na sociedade e refletidos no período de crise financeira vivenciada pela Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio.

Em outras palavras, as mulheres entrevistadas negaram a construção social que produziu representações de fragilidade e docilidade como sinônimos do feminino. Em contraponto, elas se mostraram fortes para o trabalho e para o prosseguimento das atividades na Associação; já os homens sócios se esconderam por trás das representações de provedores, de forma a não permanecerem nesse setor de produção quando melhores possibilidades de emprego passaram a surgir. Este fato se vê reforçado pelas teses sobre a segmentação do mercado de trabalho, que tem direcionado às mulheres, sobretudo pobres e negras, aos grupos de mão-de-obra secundária, caracterizados pela instabilidade, baixos salários, desqualificação profissional e invisibilidade social. A questão estrutural sobre a natureza do chamado trabalho feminino, evidenciada em estudos contemporâneos, como os de Saffioti (1976), têm possibilitado a problematização de formas históricas e culturais de divisão sexual do trabalho, de modo a fixá-las em termos de (re)produção dos papéis sexuais, em desacordo aos de gêneros, mas que, apesar de tudo, encontram vias de resistências, expressas pela significativa participação feminina em importantes movimentos sociais populares no Brasil, como no caso das mulheres catadoras de materiais recicláveis, participantes desta pesquisa.

“O catador organizado jamais será pisado”: a participação feminina no interior dos movimentos sociais de catadores de reciclagem

Em meados da década de 1980, os/as catadoras/es começaram a se organizar em associações e cooperativas em busca do reconhecimento da atividade de catação enquanto profissão. Nos anos 90, com o apoio de instituições não-governamentais, foram incorporados novos parceiros que, aliado ao fortalecimento de reivindicações suscitadas durante esse período, proporcionaram a criação do Movimento Nacional dos Catadores de Reciclagem – MNCR, o qual tem se apresentado como importante movimento social na luta por melhores condições de trabalho e valorização de pessoas e grupos ligados às experiências de coleta seletiva em todo o país.

Gonçalves (2006), em sua tese de doutorado, intitulada *O Trabalho no Lixo*, ressalta que a ação coletiva de trabalho na catação foi inicialmente estimulada por agentes ligados à Igreja Católica, que desenvolviam atividades com moradores de rua e com catadores em condições precárias no Estado de São Paulo. Por meio de ações organizativas de trabalho, esses agentes buscaram formar e instituir um espaço de lutas frente à realidade de marginalização social que se encontravam as/os catadoras/es. Assim:

[...] a formação do movimento nacional dos catadores tem sua origem nas ações da Igreja católica, que através do trabalho desenvolvido com moradores de rua de algumas das capitais dos estados brasileiros durante a década de 80, tinham como objetivo melhorar minimamente as condições de existência desses trabalhadores [...] Grupos ligados à Igreja entenderam que uma melhoria efetiva na vida dos trabalhadores catadores poderia ocorrer a partir da organização do trabalho de forma coletiva, através da criação de associações e cooperativas de catadores que pudessem colocá-los em condições mais favoráveis no mercado dos recicláveis, especialmente melhorando as condições de trabalho e possibilitando o fim da exploração de intermediários (GONÇALVES, 2006, p. 243).

Nesse cenário de mobilizações, foi realizada em 7 de junho de 2001 a Primeira Marcha Nacional da População de Rua. Neste evento,

foram apresentadas à sociedade e às autoridades responsáveis pela implantação e efetivação das políticas públicas reivindicações e propostas de criação e direcionamento das ações governamentais e políticas de Estado para a melhoria das condições dos/as catadores/as e dos/as moradores/as de rua em geral. Estas concepções mostraram-se vinculadas à luta pela regulamentação da profissão de catador/a, uma vez que o movimento tem buscado, desde a sua criação, lutar por formas mais dignas de trabalho no âmbito dos recicláveis, tendo em vista a busca do resgate social da categoria, que tem como lema de mobilização: “O catador organizado jamais será pisado! Pela construção do Poder Popular!”.

Neste contexto, o Movimento tem se apresentado como local de estabelecimento da identidade política dos/as catadores/as, ao possibilitar uma direção alicerçada para os questionamentos e reivindicações de homens e mulheres em questão, conforme relatou uma das entrevistadas:

O Movimento faz isso: ele luta pela nossa categoria, embora, nós tenhamos consciência que o movimento somos nós mesmos. A gente tenta unir as cooperativas e associações criando força para poder chegar lá em cima e falar assim: ‘nós temos tantas pessoas, nós estamos há tantos anos e pretendemos isso!’ (E.H.P, 33 anos. Sócia/Presidente da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 01 de dezembro de 2010).

Ao apresentar como diretriz a adoção e a consolidação de políticas públicas voltadas ao trabalho com os recicláveis, o Movimento Nacional tem possibilitado aos/as trabalhadores/as catadores/as o acesso aos programas de financiamentos e empreendimentos direcionados à geração de emprego e à distribuição de renda. Assim, com o intuito de fortalecer a estruturação do Movimento Nacional foram pensados e articulados os Comitês Regionais dos Catadores, de modo a se apresentarem como elementos fundamentais no processo político de trabalho com recicláveis, do qual a Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio e outros grupos instituídos da Região do Oeste Paulista têm participado ativamente, segundo atestam os estudos de Gonçalves (2006).

A proposta de formação dos Comitês Regionais teve início com as principais deliberações provenientes do I Primeiro Congresso Latino-Americano de Catadores, realizado no ano de 2001, no Estado do Rio Grande do Sul. Neste evento, ficou instituído que a formação dos Comitês Regionais ficaria sob a responsabilidade dos militantes presentes no Congresso, que retornariam as suas bases e iniciariam a sua organização, tendo como objetivo principal instituir, ampliar e fortalecer os alicerces do Movimento Nacional no interior dos Estados. Esses Comitês estariam ligados a uma Comissão Estadual, por sua vez, vinculada à Comissão Nacional, de forma a permitir uma estrutura política e coletiva mais sólida e ampliada do Movimento Nacional (GONÇALVES, 2006).

Neste período, os membros das Cooperativas de Assis e Presidente Prudente (SP) deram início às ações de formação do Comitê Regional do Oeste Paulista², do qual a Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio integra desde o ano de 2003. O Comitê tem proposto realizar um calendário de reuniões, ocorridas a cada dois meses, entre as Associações e Cooperativas que agregam o Oeste Paulista. Essas reuniões são realizadas nos locais onde existe um grupo de catadores/as constituído ou que se encontram em vias de estruturação. O objetivo principal dessas reuniões consistia em promover momentos de trocas de informações e de mobilização política dos/as catadores/as em seus municípios.

Na fala da presidente da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio, o Comitê Regional do Oeste Paulista tem atuado como ambiente de trocas dialógicas e de debates sobre assuntos atuais ligados ao trabalho de coleta e comercialização dos resíduos recicláveis. Nesses espaços são debatidos, dentre outras particularidades, os seguintes aspectos:

² Formado por catadoras e catadores dos seguintes empreendimentos: Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de Ourinhos - Recicla Ourinhos; Associação dos Catadores de Palmítal - ACIPAL; Associação dos Catadores de Maracá - ASCAM; Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio - ARPE; Cooperativa de Catadores de Assis e Região - COOCASSIS e Cooperativa dos Catadores de Lixo de Presidente Prudente - COOPERLIX. Além das Associações e Cooperativas supracitadas, somam-se a elas os grupos de catadores organizados dos Municípios de Rancharia, Regente Feijó, Martinópolis, Álvares Machado, Presidente Venceslau e Junqueirópolis.

[...] toda reunião do Comitê a gente pega uma pauta do que a gente vai discutir. Saiu o novo Plano Nacional de Resíduos que fala sobre incineração, a contratação de cooperativas e associações para prestação de serviço para o município, a questão do material reciclável de grandes geradores que não doavam para as cooperativas. Temas que estão circulando no momento [...] as leis que estão sendo criadas, as políticas públicas (E.H.P, 33 anos. Sócia/Presidente da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 08 de outubro de 2010).

Cada uma das experiências, apontada pela entrevistada, permite visualizar a aproximação dos/as catadores/as com o Movimento Nacional. Ela acontece por intermédio dos centros regionais e se tornam o conduto por onde são canalizadas as discussões sobre as necessidades laborais e de vida de pessoas e grupos ligados às experiências de coleta seletiva da região. É importante destacar que a organização das sócias e dos sócios em associação, bem como as suas participações no comitê regional tem lhes oferecido vias de atuação política no trabalho com os resíduos recicláveis. Esse fato, conforme apontam os estudos de Gonçalves (2006), estabelece uma base mínima para a formação de uma (nova) sociabilidade entre o grupo de catadoras e os demais setores da sociedade, potencializando um (re)pensar do contexto, do qual as mulheres têm participado ativamente.

O Movimento Nacional dos Catadores de Reciclagem, em interação permanente com o Comitê Regional do Oeste Paulista, tem proporcionado a passagem da invisibilidade das mulheres catadoras para um modo muito particular de atuação feminina dentro do espaço de trabalho com os recicláveis, ao oferecer um caminho de visibilidade e de (re)construção do papel ocupado pelas mulheres na história e, em especial, nos espaços públicos e de lideranças políticas. Esses aspectos podem ser analisados no relato da presidente da Associação:

O Movimento Nacional pediu uma reunião aqui em Epitácio. Teve uma reunião do Comitê Regional e, nessa reunião do Comitê, a própria representante conversou e passou várias experiências para o grupo. Abriu o horizonte do grupo: eles passaram a enxergar que a catação não era só colocar o dinheiro

no bolso, mas tinha várias outras situações, como a Associação [...] Nessa reunião, o próprio grupo apontou: nós queremos você como presidente, e eu disse: 'Ah, eu não sou capaz!' Eu tinha um mundo muito restrito e não tinha noção de que eu poderia fazer alguma coisa maior! (E.H.P, 33 anos. Sócia/Presidente da Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio. Entrevista realizada em 08 de outubro de 2010).

O trabalho na Associação, em parceria com o Movimento Nacional e o Comitê Regional do Oeste Paulista, tem contribuído para a constituição de ações de grande expressões na conjuntura da reciclagem no município. Esses fatores têm permitido, ainda que de forma gradual, a participação considerável das mulheres no mercado de trabalho, não somente como trabalhadoras e integrantes de um coletivo, mas também de líderes de atividades. Logo, ao ser apontada pelo grupo como candidata a ocupar o cargo de maior liderança na Associação – a presidência –, a entrevistada passou a descobrir novos horizontes, bem como a potencializar novas capacidades, até então não descobertas por ela.

Portanto, as diversas formas de inserção das mulheres em meios antes impensáveis para elas – mercado de trabalho, cargos de liderança e direção da associação de reciclagem – vêm resultar em mudanças na vida de muitas delas. Há que mencionarmos ainda a relevante discussão sobre os estudos de gêneros, de classes sociais e de raças/cores na análise da trajetória feminina no mercado de trabalho e no papel ocupado por elas no contexto histórico e social. Assim, as pesquisas sobre o cotidiano vêm propiciar visibilidade ao entrecruzamento de processos macro e microsociais, ao recolocar as mulheres catadoras e o seu meio social no centro do acontecimento histórico, com seus avanços e contradições.

Considerações finais

Ao longo desta pesquisa, constatamos que a evidente desigualdade entre homens e mulheres na esfera de produção do capital trouxe à tona discussões proeminentes sobre a participação feminina nos contextos da vida pública e privada. Assim, quando traçamos um panorama das questões pertinentes ao trabalho feminino ao

longo dos tempos e das sociedades, verificamos que ele sempre foi permeado por constantes descompassos e ambiguidades. O trabalho na reciclagem, ao mesmo tempo em que permitiu às participantes desta pesquisa maior participação na vida pública, ainda as têm envolvido nas esferas da divisão sexual do trabalho, uma vez que constatamos os seus direcionamentos para a atividade com os recicláveis devido às escassas possibilidades de emprego, com melhores garantias de estabilidade e remuneração social, oferecidas em outros setores laborais do município.

Em contraponto, destacamos que a participação efetiva e ativa das mulheres na Associação de Reciclagem de Presidente Epitácio tem possibilitado novos (re)fazer social, espaço onde elas perpassaram de coadjuvantes para personagens centrais de suas próprias histórias. Esse ambiente de trabalho, ainda que marginalizado em muitos contextos da sociedade, tem se apresentado como caminho para a mudança de muitas vidas, a partir do momento em que essas mulheres buscaram romper com os paradigmas sexistas que as destinaram exclusivamente ao privado do lar para adentrarem ao espaço público da Associação e ao se fazerem militantes de movimentos sociais de relevante expressão no país.

Embora uma parcela das mulheres esteja engajada em espaços públicos da sociedade, muitas mulheres, conforme evidenciado durante este estudo, buscam sair de uma condição social precária, marcada por estigmas sociais da diferença, seja de gêneros, de raças/cores ou de sexualidades e classes. Por fim, retomamos o argumento que norteou toda esta pesquisa, afirmando, mais uma vez, que “lixo é todo o objeto que perde sua função de uso, e assim é lançado para fora, porque chegou ao final de sua utilidade. No entanto, para muitas dessas mulheres, o fim significa o começo de tudo, porque, é por meio do aproveitamento do lixo, do manuseio da matéria considerada morta, obsoleta e acabada, que se transformam e atribuem novas funções e direções às suas vidas.” Com isso, produzem condições para que elas próprias tenham vida, gerem seus sustentos e, mais, se constituam trabalhadoras e sujeitos sociais, mesmo em meio às adversidades diárias que marcam os seus trabalhos e as suas vidas com os recicláveis.

Referências bibliográficas

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho**: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. Campinas: Cortez, 1995.

ARENDETT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

AZERÊDO, Sandra Maria da Mata. O político, o público e a alteridade como desafios para a psicologia. **Revista Psicologia**: ciência e profissão, Brasília, v.4, n.22, p. 14-23, jul./dez. 2002.

BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Florianópolis, v. 2, n.1(3), p. 68-80, jan./jul. 2005. Disponível em: <http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf>. Acesso em 05 de março de 2010.

BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. Instruídas e trabalhadeiras: trabalho feminino no final do século XX. **Cadernos Pagu**: desafios da equidade, Campinas, v.17/18, p. 157-196, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Novas teorias dos movimentos sociais**. São Paulo: Loyola, 2008.

GONÇALVES, Marcelino Andrade. **O trabalho no lixo**. 2006. 310f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista – UNESP, Presidente Prudente, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HARAWAY, Donna. **Ciencia, cyborgs y mujeres**: la reinvención de la naturaleza. Madri: Ediciones Cátedra, S. A., 1995.

HIRATA, Helena. Reestruturação produtiva e relações de gênero. **Revista Latino-Americana de Estudos sobre o Trabalho**, São Paulo, v.7, Ano 4, p. 05-27, 1998.

HIRATA, Helena; KÉRGOAT, Daniéle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MENEGAT, Alzira Salete. **No coração do pantanal: assentados na lama e na areia: as contradições entre os projetos do Estado e dos assentados no assentamento Taquaral - MS.** Dourados: Editora da UEMS/UFMGD, 2009.

PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda de; SOIHET, Rachel (Org.). **O Corpo feminino em debate.** São Paulo: UNESP, 2003.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 03-15, 1989.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lucia. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares.** São Paulo: Rocco, 1994.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo (1970-1980).** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SAFFIOTI, Heleith Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade.** Petrópolis: Vozes, 1976.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter. (Org). **A escrita da história.** São Paulo: Novas Perspectivas – UNESP, 1992.

_____. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 02, p. 71-99, Jul./Dez. 1995.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. **A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência.** São Paulo: Brasiliense, 1991.